

EDITORIAL

O Movimento Autogestionário trás mais um número da Revista Enfrentamento a lume. Esta Revista é um empreendimento coletivo de interpretação teórica politicamente orientada. Os sucessivos números desta publicação visam, cada um a seu tempo e a seu modo, realizar uma crítica radical da sociedade capitalista. Nenhuma ideologia, nenhuma instituição, nenhum intelectual, nenhum processo social específico deve estar acima da crítica. A crítica, antes como hoje, é o único instrumento, a única ferramenta na busca pela verdade. Se na busca pela interpretação correta da realidade, escorrega-se em interpretações limitadas, resta unicamente a autocrítica. Assim, também nós mesmos devemos nos criticar permanentemente.

Se a sociedade de classes, para se manter, deve fazer bom uso de meias verdades, de omissões, de manipulações e de mentiras deliberadas, a luta contra esta sociedade deve ter como fundamento primordial a busca em revelar a verdade. Não achamos que exista a verdade absoluta, pois a realidade sempre se move. Contudo, tal movimento não é demasiado fluido que impeça sua apreensão pelo pensamento. O que existe, pois, de nosso ponto de vista, é meramente a busca constante de apreensão do real e explicação de seu fundamento e dinâmica de funcionamento. A cada avanço teórico, há um enriquecimento da teoria que busca desvelar a verdade. Este é o empreendimento que esta Revista vem há quase uma década se esforçando em fazer.

Quando o fascismo tombava país após país na Europa da década de 1930, quando a mentira e a manipulação pareciam ser o único modo de se comunicar, Bertolt Brecht escreve uma crônica, que mutatis mutandis, ainda nos é muito útil:

Quem, nos dias de hoje, quiser lutar contra a mentira e a ignorância e escrever a verdade tem de superar ao menos cinco dificuldades. Deve ter a coragem de escrever a verdade, embora ela se encontre escamoteada em toda parte; deve ter a inteligência de reconhecê-la, embora ela se mostre permanentemente disfarçada; deve entender da arte de manejá-la como arma; deve ter a capacidade de escolher em que mãos ela será eficiente; deve ter a astúcia de divulgá-la entre os escolhidos (BRECHT, 1967, p. 19)¹.

¹ BRECHT, Bertolt. Cinco dificuldades no escrever a verdade. In: _____. **Teatro dialético**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

Estas cinco dificuldades são ainda hoje presentes a qualquer intelectual, movimento social ou coletivo político que se coloque criticamente à ordem estabelecida. Assim, ter coragem de escrever a verdade, inteligência em reconhecê-la, conseguir manejá-la como arma, discernimento de saber em quais mãos ela é mais eficiente e perspicácia e astúcia em difundi-la são ainda questões a colocarmos-nos.

A ignorância nunca trouxe qualquer vantagem à luta proletária. O que é mais estranho nos dias de hoje é que uma parte daqueles que lutam, daqueles que questionam e se opõem às relações e instituições estabelecidas recusam a análise teórica e, portanto, a busca pela verdade. O praticismo e anti-intelectualismo que arregimenta seguimentos consideráveis dos militantes na contemporaneidade, acaba por se converter em mais um entrave ao desenvolvimento e avanço da luta revolucionária. Trata-se de problemas que temos, nos dias correntes, que reconhecer e debelar.

A produção das ideias políticas, assim como das ideias em geral, não é algo que se opere de modo independente da divisão do trabalho, dos interesses, dos grupos e classes sociais que se relacionam e conflitam. Se se toma o século XX como laboratório de estudos para o entendimento da produção das ideias políticas, esta assertiva se apresenta de modo bastante claro. As classes sociais, os interesses que defendem, sua posição na divisão do trabalho, etc. acabam por condicionar seu conjunto de representações no plano da consciência. A máxima que Marx e Engels escreveram no século XIX continua ainda hoje válida: não é a consciência que determina o ser, mas inversamente, o ser que determina a consciência. Deste modo, o estudo do conjunto de ideias políticas deve ter em mente este elemento essencial.

Este é o eixo que orienta as investigações presentes neste Enfrentamento. Quais são os sistemas ideológicos que orientam a prática política de consideráveis organizações e indivíduos hoje no Brasil? Esta é a questão que os autores dos artigos perseguem. Identificar, analisar e criticar os fundamentos ideológicos de tais organizações é o objeto de preocupação deste número da Revista Enfrentamento.

Toma-se aqui por ideologia a definição marxista do termo, ou seja, falsa consciência sistematizada. À medida que reconhecemos que a divisão da sociedade em classes é marcada por conflitos de interesse, temos de reconhecer que tais conflitos se

expressam também ao nível da consciência. Estes conflitos de interesses expressam-se também em práticas políticas conflitantes e tais conflitos também se expressam no plano da consciência. Ou seja, as ideias não têm vontade própria, não são algo além daqueles grupos, classes e indivíduos que as elaboram.

Reconhecer este aspecto, aparentemente trivial, é condição para o avanço das lutas sociais, pois, as ideias não são meramente reflexo da “realidade objetiva” sobre a “realidade subjetiva” (consciência) dos indivíduos, como defendia o pseudomarxismo. Muito mais do que mero reflexo, as ideias (falsas ou verdadeiras) são também mobilizadoras. Ideias conservadoras, equivocadas, ultrapassadas são também parte da luta de classes. Elas mobilizam as pessoas para este ou aquele lado do conflito. Erige-se aqui a importância em questionar tais ideias. A busca pela verdade, a coragem de dizer a verdade e a perspicácia em identificar a verdade é tarefa urgente dos militantes de hoje. Isto nem precisaria ser dito, mas o reino de confusão e ideias ilusórias que povoa o cenário político no Brasil nos dias atuais nos convoca a dizer coisas óbvias.

Da mesma forma que as ideias conservadoras, equivocadas, ilusórias mobilizam a luta de classes no sentido de manutenção da ordem, a busca em revelar a verdade sobre os conflitos existentes também pode ser mobilizadora. A luta de classes não se restringe à esfera da produção, do bairro ou do local de estudos. Ela se estende para todo o tecido social. Assim, os campos da arte, da cultura, da política, da ciência, da teoria também expressam as tensões de classe. Isolar um ou outro destes aspectos é procedimento a ser evitado. A “relação-capital” é um processo global de dominação do conjunto da vida na sociedade moderna. Ela nos subordina em todos os lugares e momentos da vida social. A resistência deve, portanto, agir e enfrentar em todas as esferas. Os coletivos, grupos, indivíduos que isolam o aspecto da organização prática escusando a “luta cultural” ou o inverso, atacam somente uma dimensão da dominação, ao passo que tal ataque deve ser também global, total.

Naturalmente que o espaço privilegiado é a esfera do modo de produção, pois é daí que se pode subverter a “relação-capital”. Sem luta operária, não há revolução social, não há comunismo, não há autogestão social. Não importa se a luta comece com a

juventude, se no bairro ou na escola. Ela tem de se estender para a esfera produtiva como condição de realização da mudança radical do modo de produção.

Assim, o desmonte das ideologias de “esquerda” e “direita” é condição do processo de luta global, total. Somente a força material do proletariado auto-organizado como classe é capaz de fazer ruir o modo de produção capitalista. Este não cairá por si mesmo e de seus escombros surgirá o Éden aqui na Terra. A Autogestão Social, como o modo de produção que emerge dos entulhos do capitalismo, é desde o começo o resultado da decisão política do proletariado em fazer-se a si mesmo sujeito histórico auto-organizado e, portanto, autoconsciente.

Assim, a busca pela verdade e a luta e atividade de construção de um corpo teórico cada vez mais amplo, diverso e consolidado é parte também do processo de auto-esclarecimento do proletariado em luta. Se uma contribuição pode ser dada em momentos como o que passamos, é criar ferramentas intelectuais adequadas para que o proletariado e demais grupos oprimidos e movimentos sociais tendencialmente revolucionários possam fazer uso nos momentos adequados.

A crítica das ideologias conforma também a luta de classes em geral. Este Enfrentamento que colocamos agora à disposição dos militantes, estudiosos e lutadores sociais em geral, pretende-se claramente ser parte destas ferramentas intelectuais. Por concebermos a luta política como totalidade, acreditamos certamente que a crítica é também luta política. Por acreditarmos que o desenvolvimento da consciência não desempenha papel secundário na luta de classes, realizamos neste número uma crítica radical das ideologias e doutrinas que atrapalham o desenvolvimento da luta de classes no Brasil. O leninismo, o trotskismo, o maoísmo, o prestismo, o sindicalismo, o sindicalismo revolucionário e a economia solidária são sumamente criticados.

Esperamos que tal crítica se difunda e atinja, tal como nos sugere Brecht, aqueles para quem estas ideias críticas tenham a eficiência adequada.

Sem mais delongas, boa leitura!!!

Conselho editorial